

```
A:\>format c: /u
```

```
WARNING, ALL DATA ON NON-REMOVABLE DISK  
DRIVE C: WILL BE LOST!
```

```
Proceed with Format (Y/N)?y
```

Paulo Ernesto Mohylovski

# BACK TO BLACK THE B SIDES

Inspirado pelo álbum homônimo de **AMY WINEHOUSE**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

# BACK TO BLACK - B SIDES

PAULO MOHYLOVSKI  
uma história inspirada por  
**BACK TO BLACK - B SIDES**  
AMY WINEHOUSE

---

SÃO PAULO, JANEIRO DE 2010  
1ª Edição

COPYRIGHT © 2010 BY PAULO MOHYLOVSKI  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

---

# BACK TO BLACK - B SIDES

## PAULO MOHYLOVSKI

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



**UMA NOITE COM AMY  
WINEHOUSE**

**PAULO MOHYLOVSKI**

# 1.

Chove. Estou escrevendo no computador enquanto não para de chover em São Paulo. A televisão está ligada. Está passando um show da Amy Winehouse. Ela está bêbada e chapada, como sempre. Não consegue cantar direito. Está apenas grunhido. Tem um copo na mão. É um líquido alaranjado. Cada gole que dá, seus olhos ficam mais chapados. Daqui a pouco, ela vai tomar um tombo. Os músicos tocam como se nada tivesse acontecendo. Fico ouvindo a música, uma espécie de jazz maluco. Depois não presto atenção em mais nada. Daqui a pouco, vou me arrumar. Combinei com a Lu de sairmos para beber algumas cervejas. Detesto bares, mas estou entediado. Lu é minha amiga doidona. Tem muita grana. Não se importa com dinheiro. Não é uma fodida como eu. Mas sempre acaba esquecendo a grana e eu acabo pagando tudo. Ela não tem cheque, cartão de crédito, porra nenhuma. Talvez renda alguma coisa no final da noite. Uma trepada. Ou apenas um vício. Uma música. Um poema. Amy termina de cantar.

## 2.

Preciso dar comida para o gato. Lu está na sala me esperando. Fica vendo televisão. Está assistindo um clip da Rihanna. Ela gosta. Eu detesto. Prefiro alimentar o gato, que está em cima do telhado e não quer descer. Começo a miar. Não sou muito bom nisso. Lu me apressa. Está querendo ir pra rua. Uma gata no cio. Na minha casa não tem bebida, não tem nada. Lu quer beber. Qualquer coisa. Cerveja, vodca, conhaque. Precisa aplacar a sua solidão. Brigou com o pai. Sempre a mesma coisa. O velho reclama que ela não faz nada na vida, que vive em baladas, chega de manhã em casa, bêbada, drogada, cara de prostituta. Ainda por cima anda com um cara que nem eu. Um cara de quase cinquenta anos. Um fodido de merda. Sem emprego fixo, sem ambições, metido a escrever coisas que nunca ninguém vai ler. Sou quase trinta anos mais velho que a Lu. Mas ela gosta de mim. O gato também. Que bom, ele está descendo do telhado. Vem, chanchinho, vem!

### 3.

Enquanto dirige, Lu acende um cigarro e liga o rádio. Mais uma vez, Amy dizendo “no, no, no”. Gosto do som dos metais da música. Minha cabeça fica longe. De repente, me vejo num apartamento no centro da cidade nos anos 80, escutando U2 e outras merdas. Estão todos lá, todos os meus amigos da faculdade. Alguns querendo ser músicos, outros escritores. Não sei se alguém conseguiu se realizar. Eu continuo na mesma. Escrevendo para ninguém. Ouvindo Amy numa noite chuvosa, recebendo a fumaça de cigarro na cara e o sorriso doce de Luciana, Lu. Minha amiga. O que você tem? Nada. Estava apenas ouvindo a música. Você gosta de Amy Winehouse?



## 4.

Chegamos num bar na rua Augusta. A porta se abre como se fosse de um bar do velho oeste. O lugar ainda está vazio. Uma garçonete quer nos levar até uma mesa. Lu quer ficar no balcão. Pede um bebida azulada. Peço uma cerveja. Este som? Parece... Não, é ela novamente. Está me perseguindo esta noite. Talvez eu precise me chapar completamente. Tenho que entender os sinais da vida. Lu bebe e me olha. Você tá bem? Tá feliz? Tá legal? Claro. Estou vivendo este momento mágico com você, com a Amy e com minha cerveja. Você anda escrevendo? As mesmas maluquices de sempre. Ninguém lê. Eu escrevo para ninguém. Eu também não amo ninguém. Só amo a Amy e meu gato Bill. E amo também a noite, a chuva e você, Lu. Me dá um beijo? Quero te beijar ao som de Amy Winehouse.

## 5.

Cara, aquele não é o Nando Reis? Puta merda, claro que não. E se for, que se foda. Eu quero mais um beijo. Agora não. Agora eu quero dançar. O bar encheu de repente. Lu ficou doida quando viu uma garota linda, de tranças. Cara, era a traficante do lugar. Eu não acreditei. Lu sumiu com ela. Subiram uma escada e me deixaram sozinho no bar. Foram cheirar, com toda certeza. Não fiquei com ninguém. Amy me abandonou também. Uma garota se aproxima. É alta, bonita, pós-moderna. Jornalista, publicitária ou puta? Me apresento: Paulovski, o escritor maldito. Adoro escrever também. Poemas que publico na internet. Karina, muito prazer. Posso te pagar uma cerveja?

## 6.

Lu chega bem na hora, pra me atrapalhar. Já estava conseguindo fazer a Karina dar risada. Estava chegando perto. Coxa com coxa. Só faltava boca com boca. Nem sei como a Lu apareceu. Me puxou pelo braço e disse: quero dançar. Eu detesto dançar. Estou ficando velho. Odeio música eletrônica. Mas isto é Madonna, ela diz. E daí? Só por que é Madonna significa que é um diamante precioso? É merda! Merda pura! Olho para a Karina sentada no balcão, tomando uma cerveja solitária. Mas ela logo arruma companhia. Um cara mais jovem, barbicha de bode, piercing no nariz, alargador na orelha. Que se divirtam, meu anjos! Eu finjo que danço. Lu roça os seios no meu corpo. Promessas de um sexo selvagem numa noite chuvosa. Ela se aproxima do meu ouvido. Vai sussurrar alguma promessa de amor. Espero uma confissão no meio da noite. Não entendo direito o que ela diz. Um show. A casa de uma amiga. Show de quem? De uma banda chamada Cachorro Grande, conhece? E a amiga? Marcela. Me ligou, Lu diz. Está sozinha em casa. Deprimida. Outra? Minha vida é uma armadilha para deprimidas. Estou sempre pegando alguma. Não, não vou. Quero voltar para casa. Quero dormir com o Bill aos pés da minha cama. Temos que ir embora. O bar está lotado. Crianças brincam na chuva. A garota de tranças dança sozinha. Uma dança que expressa medo, agonia e tesão. Karina se beija com o jovem barbicha. Vamos embora, Lu. Para qualquer lugar. Para uma estrela. Para um planeta. Para uma estrada qualquer. Não, vamos na casa da Marcela, ela diz.

Pagamos a conta. Ela paga. Antes de sair, ela olha pra aquele cara que tem a cara do Nando Reis e pergunta para mim: aquele cara não é o Arnaldo Antunes?

## 7.

A noite continua chuvosa. As ruas estão molhadas e perigosas. Descemos a rua Augusta. Passamos por putinhas lindas. Lu olha para elas com o olhar cheio de desejos. Lu também gosta de mulher. Acho que ela gosta de tudo. É capaz de transar com uma samambaia, caso a samambaia lhe dê bola. Ou é incapaz de transar com qualquer um. Tem dificuldades de relacionamento. Não consegue manter uma afetividade transparente. Está sempre conturbada. Somos parecidos. Mas que som é este que você colocou agora? Lou Reed. A depressão em pessoa. Então me beija agora, ao som desta música. Lu não me beija. Diz que está com mau hálito por causa da farinha e da bebida. Eu já te falei da minha amiga Marcela?, ela pergunta. Não, nunca. A Marcela gosta de Amy Winehouse?

## 8.

O apartamento ficava no centro da cidade. Era antigo e tétrico. O elevador guinchava como um velho asmático. Marcela morava no último andar. Um apartamento de intelectual. Livros, discos e latas vazias de cerveja. Cinzeiros entupidos. Pôsteres de Jim Morrison, Janis Joplin e Rimbaud. Móveis antigos. Poltronas confortáveis e que afundam quando nos sentamos. Marcela não era bonita, mas tinha um charme que me encantou logo de cara. Tentei ficar na minha, fazendo charme de escritor maldito, fumando um cigarro e tomando uma birita. Lu e Marcela não param de falar. Parece que faz um século que não se encontram. Sinto o olhar de Marcela em cima de mim. Escolhe um cd, ela diz. Procuo por um e encontro. Coloco Laurie Anderson. Lu me manda tirar. É muito deprê. Eu tiro. Marcela pula na minha frente e pergunta: vocês já ouviram o *Back to Black* da Amy?

## 9.

Depois de alguma canções, estamos rindo como velhos amigos. Compartilhamos do mesmo cigarro, da mesma cerveja, da mesma vida. Marcela tem livros que adoro. Tem meus autores prediletos. Nunca ninguém se importou com estes livros, ela diz. Eu amo cada um deles. Eu amo você também, Marcela. Finalmente encontrei uma mulher parecida comigo. Nunca imaginei que num apartamento perdido na cidade, como naquela música da Rita Lee, encontraria a minha metade. Não sei ainda. Lu está cada vez mais chapada. Parece estar entrando no túnel escuro da depressão. Se é que ela saiu algum dia. Lu quer ir embora, quer ir para o tal show, ela está enciumada. Não pode ver o seu amigo e a sua amiga juntos. Felizes. Alguma coisa precisa acontecer. Marcela já me olha com grandes olhos sensuais e convidativos. Por que sair? Por que não ficar aqui, curtindo esta música, esta cerveja, esta vida? Elas querem sair. Estão com faniquito. Uma pena! Se alguma coisa acontecesse e mudasse tudo. Aconteceu. A campanha começa a tocar. Há raiva neste toque de campanha. Um homem entra furioso e começa a xingar Marcela. Ficamos parados, pasmos, olhando aquele estranho tendo um acesso de fúria. Silêncio. Amy Winehouse parou de cantar.

## 10.

O cara é alto e gordo. Tem um cabelo avermelhado. Um rosto enrugado e já passado. Pior do que o meu. Ele continua furioso. Marcela é uma bandida, uma vagabunda, uma puta. Marcela grita com o tal Marco Aurélio. Ele está fora de si. Surtado. Ficamos olhando a cena como se fosse um filme. Ele está tão transtornado que não se importa com nossa presença. Ele jorra um monte de palavras desconexas. Ora, diz palavras de amor; ora, destila veneno e ódio. Está no limite de alguma coisa. Marcela está desconcertada. Entendo. Uma mulher como ela não poderia ficar sozinha por muito tempo. Até os melhores de nós, vivem carentes. E não adianta se entupir com música, literatura ou drogas. Marcela, como toda mulher, não queria ficar sozinha para sempre. Tá certo que arrumou um traste. Alguém sem brilho e sem charme. Ao mesmo tempo, eu também sou assim. Entendo o cara. Mas não consigo fazer nenhuma reflexão no momento. Estou chocado com a cena que se desenrola na minha frente. O cara está incontrolável. Depois de várias acusações, fica louco e começa a procurar drogas pelo apartamento. “Vocês estavam cheirando. Tenho certeza”, ele grita. Procura atrás dos móveis, embaixo do sofá, na cozinha, no banheiro. Marcela começa a chorar. Ele pula em cima dela e a puxa pelos cabelos. Lu decide intervir. O cara se volta para Lu e diz agressivo: fica na sua, senão te arrebento a cara. Sei que quando um cara está transtornado é capaz de adquirir uma força descomunal. Mas eu não posso deixar que ele fale assim com a Lu. Se



quiser meter a mão na Marcela, o problema é dele com ela, mas ameaçar uma garota que está comigo, não. Levanto e digo friamente, como um mafioso: aqui você não mete a mão em ninguém. E dou um sorriso à la Marlon Brando no Poderoso Chefão. Penso que o cara vai vir pra cima, mas ele desaba. Chora. Fico atônito. Marcela se abaixa, beija o cara, faz carinho nos cabelos dele. Depois diz que não pode sair, que precisa cuidar do cara. Ela o leva até o quarto. Lu e eu nos olhamos. A noite nem terminou ainda e não cantamos nenhuma canção de amor. Lu grita que está indo embora e Marcela grita do quarto para que batamos a porta quando sairmos. Adeus, Marcela. Nem sempre a vida é como a gente quer.

## 11.

Estamos ainda chocados. A chuva acabou e nem percebemos. Ficamos em silêncio por um tempo. Lu não consegue dirigir direito. Eu também estou sem condições. Mesmo assim ela consegue manter o carro em linha reta. Finalmente, vamos embora. Vamos para a casa. Não! Como assim não? Ela quer se divertir mais. Ainda tem o show do Cachorro Grande. Não temos dinheiro, não temos ingresso, não temos nada. Mas Lu conhece alguma pessoa da produção. Vai tentar descolar dois convites. O lugar tá lotado. Tem gente do lado de fora. Conseguimos estacionar o carro. Um homem sai das sombras. Posso olhar o carro? Nada respondemos. A vida pesa. O silêncio pesa. Caminhamos calados até a entrada do bar. De cara, Lu encontra um conhecido. Depois outros. Uma única garota. Uma loirinha de olhos miúdos. Todos querendo entrar. A banda já toca. Ouço uma guitarra estridente. Lu tenta olhar por cima dos ombros das pessoas. Ela me olha, sorri e faz um sinal de “espera um pouco”. E some. Fico sozinho. Me sinto mais velho do que nunca. Sonho com minha cama. A loirinha se aproxima. Mais uma chapada e carente. Ela não quer beijo na boca. Nem uma transa louca. Ela quer ficar olhando para o céu depois da chuva. Não dizemos nada um para o outro. Estou cansando de perguntas que parecem um questionário. O que você faz? Onde você mora? Não quero bancar o cara legal. Ela me olha e pergunta: “Você tem um baseado?”. Há anos que não fumo. Parei com tudo. Cheirar, viver, trepar. Sou uma punheta ambulante. Sou o caos. Sou

o morto-vivo. Sou uma contradição, como em “Memórias” da Pitty. O que você tomou? Eu também quero. Tomei uma dose amarga de vida. Você quer?

## 12.

Ficamos petrificados. Um século sem mover um só músculo. Cíntia cintilante. Sem amor, sem homem, sem baseado, sem ninguém. Ela me olha com seus olhos miúdos. Está tão disponível que eu posso beijá-la. Mas não o faço. Lu aparece do nada. Está seguido por uma legião de demônios bêbados que ela chama prosaicamente de “seus amigos”. Diz que o show tá uma bosta. Ela quer ir embora. Para casa? Não, há um bar legal perto do Horto Florestal. Mas isto é muito longe. São quase três da manhã. Precisamos ir embora. Ela não quer. Amontoa uns dez neguinhos no seu carro. Fico atrás com a loirinha. Ela se aproxima de mim. Roça o seio no meu braço. Sorri. O que fiz para atrair esta louca? Cíntia cintilante. Atrás de um baseado, atrás de uma vida nova. Uma criança no paraíso da loucura. Lu dirige de uma maneira perigosa. Ela ri, grita, brinca, canta. Olha para trás. Olha para mim. Olha pra frente, porra. Um carro passa por nós e a fecha. Lu desvia. O carro desliza. Estamos numa rua de sabonete. O carro continua deslizando. Cíntia grita. Eu olho para a frente, para o poste que se aproxima. De repente, a colisão. Estilhaços. Escuridão. Silêncio. O carro está prensado contra o poste. Estamos todos mortos. O inferno é aqui!

## 13.

Conseguo abrir a porta do carro. Puxo Cíntia pelo braço. Ela está trêmula, em estado de choque. Lu também sai do carro. Tem um filete de sangue escorrendo pela testa. Todos saem do carro. Ninguém se machucou de verdade. Pura sorte. Tenho vontade de gritar com Lu, mas ela parece tão atordoada e perplexa que prefiro ficar em silêncio. Ela se aproxima de mim, me abraça. E agora, o que eu faço? Bêbados e mendigos se amontoam em volta do carro. Olho a lataria. Está toda amassada. Realmente tivemos sorte. O carro não anda. Tem óleo na pista. Tem estilhaços de vidro espalhados pela rua. O melhor é tirar o carro do poste. Puxamos o automóvel. Empurramos até deixá-lo estacionado perto da calçada. Não temos como ir embora. Lu quer pegar um táxi. Quer voltar para a casa? Não, quer voltar para a balada. Foi só um susto. Ela já está bem. Uma motocicleta se aproxima e para ao nosso lado. O motoqueiro tira o capacete. É Rafael, um amigo de Lu. Ela fica feliz, pula contente e pede uma carona. “Eu vou até em casa pegar o carro do meu pai”, ela diz. Você me espera? Ela pergunta. Faço que sim com a cabeça. Lu monta na garupa da moto e some pela noite. Eu olho para a rua molhada e sigo o longo caminho de volta para casa.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)